



INSTITUTO  
**VOX**

DE PESQUISA EM  
PSICANÁLISE

MULHERES | POLITICA | PSICOSE

# A ilusão de um futuro

Henry Krutzen

[www.voxinstituto.com.br](http://www.voxinstituto.com.br)

## A ilusão de um futuro

Henry Krutzen

### 1. O classicismo pessimista

A esperança não é um conceito psicanalítico. Não é preciso ser um grande leitor de Freud para se dar conta que não houve muito espaço no seu pensamento para a esperança. Alguns títulos já nos indicam que a orientação vai para outro lugar. *Além do princípio do prazer* (1920), *O futuro de uma ilusão* (1927), *O mal-estar na civilização* (1930) ou *Análise terminável ou interminável* (1937) são alguns exemplos de obras freudianas que destacam o pessimismo fundamental do fundador da psicanálise. Vamos considerar isso como fato, sem entrar em considerações psicobiográficas sobre Freud e as razões presumidas para esse pessimismo. A visão de Freud era também uma visão trágica e o complexo de Édipo lembra essa fonte profunda da inspiração freudiana.

Já Nietzsche, no seu primeiro livro, *A origem da tragédia* (1872), tinha analisado a noção de tragédia com os eixos dionisíacos e apolíneos. Em 1886, o título da obra foi alterado para *A origem da tragédia ou o carácter grego e o pessimismo*. Então, a tragédia grega estava no *Zeitgeist* da época quando Freud escolheu Édipo como paradigma da sua construção intrapsíquica da psicanálise. De uma certa maneira, essa posição era coerente com a famosa lei de Haeckel, segundo a qual a ontogênese repete a filogênese. As grandes construções da cultura remetem a uma dimensão filogenética que devem encontrar-se repetidas no devir dos seres humanos, dando um *fatum* inexorável ao nosso destino. Veremos como essa noção encontra variações em função das culturas. Por exemplo, o *Schicksal* do alemão não é a *destiny* do inglês (Bollas, 1989).

O nascimento da psicanálise aconteceu num contexto político, econômico e social determinado, numa zona específica da Europa, na decadência do império austro-húngaro. A Viena do fim do século XIX e do começo do século XX era a capital intelectual da época, lugar de mudanças e transformações em todas as áreas da criação: Klimt, Schiele e Kokoschka nas artes plásticas, Schönberg, Berg e Webern na música, Loos na arquitetura, von Hofmannstal, Kraus, Schnitzler, Zweig, Musil na literatura (Kandel, 2012). Depois da primeira guerra mundial e da queda da monarquia, a Áustria foi constituída como um pequeno estado no centro da Europa. O espírito austríaco passou por uma crise de identidade dolorosa, que esses movimentos artísticos traduziram de uma

certa maneira. E foi nesse caldeirão que a psicanálise surgiu para encontrar depois uma crise trágica com a subida do nazismo e as perseguições que implicaram o êxodo de milhões de Judeus, no meio de um genocídio abominável que marcou as gerações para muito tempo. Freud fugiu no último momento e terminou sua vida em Londres, enquanto a segunda guerra mundial estava à beira de transformar o mundo numa carnificina que veria a alvorada do pesadelo atômico como desfecho.

Melanie Klein teve um destino relativamente similar e terminou também a sua vida na capital inglesa. O seu pensamento seguiria a veia desse pessimismo com uma exceção notável, o desenvolvimento do conceito de gratidão (Klein, 1957) que iria abrir algumas perspectivas de reparação no conjunto de uma obra igualmente trágica e pessimista.

Neste contexto, os seguidores iriam beber nessas fontes e continuar o desenvolvimento de um saber psicanalítico fundamentalmente constituído por uma visão do mundo trágica e pessimista. A abordagem de Bion (1965) permanecerá nessa linha até considerar, com o conceito de “O”, uma abertura que será considerada como mística demais, mas abre um lugar “outro” para pensar a psicanálise. Lacan (1966a) insere-se na mesma lógica e, com o seu retorno a Freud, critica violentamente, durante os anos cinquenta, a *Ego Psychology* americana e o movimento inglês da relação de objeto. Amplia a dimensão trágica com o comentário sobre *Antígona* de Sófocles, no seu seminário sobre *A ética da psicanálise* (1959-60).

O pessimismo de Lacan não é idêntico ao de Freud. Insere-se nas concepções ligadas às ideologias dos anos sessenta, com o existencialismo e o estruturalismo<sup>1</sup>, embora sempre como ponto fora da linha. Para Lacan, educado na religião católica, a noção de esperança não podia existir sem evocar o conceito religioso que a palavra traz automaticamente. Aqui vale a pena comentar sobre essa palavra que, em francês, pode ser traduzida por dois substantivos diferentes: *l'espérance*, cuja referência é diretamente ligada à religião católica, e *l'espoir*, que traz o sentido mais comum de “confiança de que algo bom acontecerá”<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Lacan sempre recusou pertencer a qualquer movimento artístico, intelectual ou político, como o surrealismo, o existencialismo, o estruturalismo ou qualquer posição política de esquerda como era “politicamente correto” na Paris dos anos sessenta.

<sup>2</sup> Definição disponível em: <https://www.dicio.com.br/esperanca/>

Na religião católica, a esperança faz parte das virtudes teológicas<sup>3</sup>, com a fé e a caridade.

Quando recebemos o sacramento do batismo é infundida em nós a graça santificante, que nos torna capazes de nos relacionar com a Santíssima Trindade e nos orienta na maneira cristã de agir. O Espírito Santo se torna presente em nós, fundamentando as virtudes teológicas, que são três: Fé, Esperança e Caridade.<sup>4</sup>

As orações são os atos de fé, de esperança e de caridade. O ato de esperança é o seguinte: “Eu espero, meu Deus, com firme confiança, que, pelos merecimentos de meu Senhor Jesus Cristo, me dareis a salvação eterna e as graças necessárias para consegui-la, porque vós, sumamente bom e poderoso, o haveis prometido a quem observar fielmente os vossos mandamentos, como eu proponho fazer com o vosso auxílio”<sup>5</sup>.

Lacan sempre distinguiu a psicanálise da religião e da magia (1966b), até considerar a psicanálise e o psicanalista como sintoma (1974). Acrescentará que a verdadeira religião é a romana. “Há uma verdadeira religião, é a religião cristã” (1974, p. 81). A religião está aqui para colocar sentido, sentido em tudo. Lacan anuncia que a “humanidade será curada da psicanálise” (p. 82). E “[a]o afogar este sintoma no sentido, no sentido religioso naturalmente, conseguir-se-á recalca-lo” (p. 82). O pequeno instante de verdade que a psicanálise propiciou não deve durar necessariamente para sempre.

Então, uma das dimensões do pessimismo lacaniano reside na falta de esperança (*espoir*) na psicanálise frente à esperança (*espérance*) do triunfo da religião no futuro. Essa dimensão não aparece em Freud, que não teve educação cristã, mas judaica. Isso configura uma posição da psicanálise no Brasil como fundamentalmente estruturada em redor de um pessimismo sobre a “natureza” humana, a partir das obras dos quatro autores mais influentes na história do movimento psicanalítico nessa região do mundo: Freud, Klein, Bion e Lacan. Será que esse destino sem esperança continua se desenvolvendo hoje?

Essa posição da psicanálise clássica se apoia sobre outras considerações de ordem mais teórica. Para esses autores clássicos, a esperança foi sempre ligada à fantasia e à

---

<sup>3</sup> Agradecemos ao amigo Luís Andrade pelas referências fornecidas sobre este assunto.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://formacao.cancaoнова.com/igreja/catequese/virtudes-teologais/>

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.fatima.org.br/ato-de-esperanca>

ilusão; ela marca um processo regressivo dentro do enquadre e do tratamento psicanalítico. A teoria das pulsões orienta uma técnica onde a frustração produz a regressão ao negar todo tipo de gratificação para o paciente (regra de abstinência). As esperanças que levam o paciente para o tratamento são aqueles desejos de gratificação da sexualidade e/ou agressividade infantis. Elas remetem ao processo primário e são afastadas da realidade. O processo secundário, mais maduro, implica uma renúncia às fantasias e ilusões num funcionamento ligado ao princípio de realidade. Assim, para Freud, a religião representa a incorporação das esperanças infantis e das ilusões, enquanto a ciência está do lado do princípio de realidade, onde nenhuma esperança está envolvida (Mitchell, 1993). É isso que permite a Lacan dizer que a esperança leva para o suicídio (Milot, 2016). Para Lacan, a esperança estaria mais do lado da demanda, que não deve ser gratificada. A perda da esperança levaria, assim, para crises de desesperança. A dimensão do simbólico e, depois, do real deve orientar as intervenções analíticas e não o imaginário, do qual a esperança participaria. A esperança sufocaria a dimensão do desejo e do ato, adiando sempre para um futuro longínquo a realização do mesmo. Em termos kleinianos, estaríamos na posição esquizo-paranoide, em luta contra os objetos internos primitivos e na busca de um objeto mágico, onipotente e controlado.

## 2. A psicanálise suficientemente boa

Mas existe uma outra maneira de pensar essa questão da esperança. Essa outra abordagem privilegia as noções de parada no desenvolvimento. Nesse contexto, a esperança não é mais considerada como uma dimensão regressiva de desejos infantis, mas como buscando novos espaços onde um desejo “verdadeiro” seria possível, um novo começo nas palavras de Michael Balint (1985). Erikson (1950) dá um passo adiante e liga a questão da esperança à fé. Do ponto de vista kleiniano, a esperança seria aqui considerada como uma dimensão da posição depressiva. Aqui a esperança requer coragem, demasiado humana e o objeto está fora do nosso controle.

Winnicott pensa as coisas de uma outra maneira. Sem muito interesse para a pulsão de morte, ele vai destacar a importância do meio ambiente e, particularmente, da mãe, no desenvolvimento da criança. O comportamento destrutivo é resultado de falhas desse meio ambiente, sob a forma de privações e deprivações, e não faz parte de qualquer essência do ser humano. Ou seja, o processo analítico pode trazer, pelo meio da regressão,

uma melhora e ir consertar o que foi estragado em algum momento da história do sujeito. O analista poderá ocupar, durante um tempo, a posição materna, fornecendo um ambiente de holding, de cuidado e de proteção ao processo regressivo do paciente.

Essa posição traz esperança e produz um duplo deslocamento em relação ao classicismo analítico.

Primeiro, não se trata mais de uma *Weltanschauung*, uma visão de mundo, oriunda da tragédia e do pessimismo filosófico. A posição de Winnicott é pragmática e apoia-se sobre uma clínica iniciada com milhares de consultas de pediatria antes de tomar o rumo psicanalítico. A relação com o mundo é diferente. Winnicott atravessou a segunda guerra mundial, propiciando e organizando a saída de milhares de crianças das suas famílias para protegê-las dos bombardeios nazistas (Winnicott, 1939a). Essas crianças foram enviadas para longe de Londres e ficaram em instituições, abrigos e famílias no interior da Inglaterra. Os destinos diferenciados dessas crianças mostraram como a privação<sup>6</sup> e a depressão vão ser elaboradas de várias maneiras em função da situação de cada uma. A resiliência vai ocorrer em muitos casos e mostrar que algumas dessas crianças tinham os recursos psíquicos para enfrentar essas separações dolorosas (Winnicott, 1945).

O segundo ponto traz a dimensão clínica como eixo norteador da questão. Esse deslocamento, muito importante, responde, de uma certa maneira, ao pessimismo freudiano do texto *Análise terminável e interminável* (1937). O adolescente delinquente, por exemplo, não será mais considerado como atuando, de maneira destrutiva, a pulsão de morte, mas como um sujeito que demonstra esperança pelo fato mesmo do seu ato antissocial. Esse ato é ouvido como uma demanda, um último recurso que mostra que tudo não está perdido e que ainda existe uma certa crença no futuro. Esse deslocamento essencial, produzido por Winnicott, mostra uma mudança radical na situação clínica, com um acolhimento possível, que o classicismo psicanalítico não podia conceber (Winnicott, 1939b, 1946, 1960a).

Um outro elemento importante que Winnicott trouxe para este debate foi a dialética falso self / self verdadeiro. A construção do falso self acontece na história do sujeito como consequência das falhas do meio ambiente e termina sendo uma estrutura pesada que acompanha o sujeito pela vida inteira, deixando uma impressão mais ou menos vaga de que está vivendo a vida ao lado dele mesmo. Alguma coisa está faltando,

---

<sup>6</sup> A separação da mãe.

parece artificial, como o vazio. Por exemplo, é o caso muito frequente de pessoas que foram empurradas a escolher uma profissão que agradava o desejo de algum membro da família e que, apesar de poder encontrar êxito e reconhecimento na carreira, sentem esse vazio, essa falta de sentido, essa impressão de viver ao lado da própria vida. A análise deveria permitir um encontro com o self verdadeiro, que Winnicott define como “o potencial hereditário que experimenta uma continuidade do ser e ganha, do seu próprio jeito e com seu próprio ritmo, uma realidade psíquica e um esquema corporal pessoais” (Winnicott, 1960b). O analisando vai poder se servir do seu analista como objeto (Winnicott, 1971) e assim poder “expressar e elaborar o idioma da sua personalidade” (Bollas, 1989). Apesar de falar de um potencial hereditário sobre o qual dá poucas indicações, Winnicott vai destacar mais a dimensão de espontaneidade, de vitalidade do self verdadeiro. É “a presença única do ser no qual cada um de nós se define, o idioma da nossa personalidade” (Bollas, 1989).

Com Winnicott, somos confrontados a essas perguntas que cada paciente encontra num momento ou outro do seu processo analítico: o que posso esperar dessa análise? Quem sou eu, verdadeiramente? Como vai ser meu futuro depois dessa análise? Há esperança para minha vida?

Mas Winnicott não era o único a propor esperança no processo analítico. Em 1946, Michael Balint se instalou em Londres e trouxe os legados da escola húngara de psicanálise, para a *British Psychoanalytical Society*. Ferenczi tinha falecido em 1933 e sua obra ainda era desconhecida, quando Balint chegou em Londres. Retrospectivamente, a obra de Ferenczi foi pioneira e abriu muitas possibilidades de manejo clínico, nas invenções reiteradas que o psicanalista de Budapeste produziu ao longo dos anos: técnica ativa, relaxamento, análise mútua. Para Ferenczi, o paciente ocupava o primeiro lugar e tudo era feito para poder abrir um espaço de análise, mesmo se isso implicava mudanças radicais do enquadre (Ferenczi, 1933).

Balint, que fez análise com Ferenczi, trouxe essa tradição para Londres. Com o conceito de falha básica, elaborou um conceito sobre uma ausência primária onde o sujeito permanece numa solidão irreduzível. Nesse contexto, a posição do analista vai ter que mudar e alguns elementos do enquadre vão ser adaptados para tornar possível os atendimentos com casos graves onde a regressão vai acontecer de maneira maciça (Balint, 1949).

3. Depois da virada<sup>7</sup>

Bollas, retomando Winnicott, desenvolve essa ideia do self verdadeiro com a noção de conhecimento não pensado<sup>8</sup> (Bollas,1987). Esse conhecimento já está presente no infante “quando percebe, organiza e utiliza seu mundo de objetos” (Bollas,1989). Não é instinto animal e depende das condições que o infante encontra nas relações com seus pais. Continuando nessa direção, Bollas termina propondo a noção de alegria ordinária como um dos traços do self verdadeiro, um prazer que o sujeito manifesta pela alegria na escolha e na utilização dos objetos pelos quais revela o seu self verdadeiro. Considera que existe um imperativo empurrando nessa direção, que ele vai chamar pulsão do destino.

Aqui podemos voltar sobre a distinção importante que existe na língua inglesa entre o *fate* e a *destiny*, ambos traduzidos em português pela palavra destino.

O *fate* vem do latino *fatum*, particípio passado do verbo *fari*, que significa falar. O *fatum* é uma fala profética, que, uma vez proferida, vai desencadear eventos onde o herói vai ser levado para um desfecho já conhecido e antecipado. É a fala do Oráculo de Delfos que anuncia o destino de Édipo e sabemos, desde o começo, que nada poderá evitar a realização dos acontecimentos proféticos proferidos pelo Oráculo. Nessa visão trágica, o ser humano é um fantoche cujos fios estão nas mãos dos deuses brincando com seu destino (*fate*). O destino é decretado pela fala dos deuses e nada poderá alterar o seu devir. É essa dimensão que a psicanálise clássica privilegiou ao escolher vários mitos e tragédias do destino como paradigmas do psiquismo humano. Voltando para a questão do self e da clínica, o destino “fatídico” é esse destino que o sujeito está sentindo quando vive neste vazio, nesta falta de si mesmo, nesta artificialidade do falso self. “É meu destino, nasci para ser assim e nada vai mudar” disse o sujeito alienado ao destino do *fatum*, de uma palavra profética que obliterou toda a vitalidade e a espontaneidade da sua vida.

A *destiny* é outra coisa. Ela não é resultado de uma fala profética, mas de um ato. Ela é uma via que o ser humano pode realizar. A *destiny* não está nas mãos dos deuses e o ser humano pode ir contra a vontade divina e conseguir o que ele quer, deseja e espera. O decorrer da *destiny* pode ser modificado. Estamos aqui na área do herói épico que

---

<sup>7</sup> Consideramos como virada o momento cristalizado pelo lançamento do livro de Greenberg e Mitchell (1983), *Objects Relations in Psychoanalytic Theory*. Focalizou o início de um movimento de redefinição da psicanálise que aconteceu nos anos oitenta e continua atualmente.

<sup>8</sup> *Unthought known*.



consegue lidar com seu destino, mesmo ao se opor à vontade divina. Assim, aqui podemos considerar também a palavra “destino” com sua conotação de direção, de paradeiro, que, por conseguinte, inclui a dimensão do desejo e da esperança. Posso ser ator do meu destino, construtor do que vai me advir, através das vicissitudes que a vida vai me providenciar. Minha vida tem um potencial, não é um resultado já escrito a partir de uma fala oracularia. Bollas (1989) vai considerar essa dimensão com a evolução do self verdadeiro, como “a força do idioma do sujeito que empurra à realização do seu potencial” (1989).

Naturalmente, para Bollas, uma das funções da psicanálise consiste em dar ao paciente a oportunidade de poder se conectar com essa dimensão do ato, num destino assumido como realização do self verdadeiro e da alegria na utilização dos objetos. O processo analítico aponta, assim, para a constituição e elaboração do idioma do paciente (1989).

Um outro ponto importante é a questão da contratransferência. Qual é minha esperança, como analista, sobre o processo deste ou desta paciente? Minha visão do tratamento e minhas expectativas dos finais possíveis do processo analítico vão orientar meu ouvido e minhas intervenções. Não vou ouvir a mesma coisa se minha *Weltanschauung* é trágica e pessimista ou orientada para a co-construção mútua de um processo onde uma reorganização dos sistemas motivacionais oferece oportunidades para mudanças. A própria dimensão da esperança pode ser reintroduzida a partir de uma tal alternativa, construindo a ilusão necessária de um futuro. Vamos considerar as implicações de uma tal posição, oriunda da mudança de paradigma ocorrendo na psicanálise desde os anos oitenta.

Mitchell (1993) antecipou essas ideias através de uma abordagem relacional, juntando as duas posições kleinianas numa dialética reconhecendo a veracidade de ambas, a esquizo-paranoide e a depressiva, para concepções diferenciadas da noção de esperança. Naturalmente, dentre dessa perspectiva, além da questão da esperança do paciente, vai surgir a necessidade de pensar a esperança do analista, assunto quase invisível na literatura analítica.

Amar... é esperar; e esperar é dar valor para um futuro inevitavelmente incerto. Ambos o amor e a esperança são extremamente arriscados; uma

esperança genuína<sup>9</sup> sobre o processo analítico não é possível de qualquer maneira no início,... (p. 212)

É algo que vai ser construído pouco a pouco no tratamento. Essa posição mostra que existem vários tipos de esperanças e que um processo analítico, de uma certa maneira, vai atravessá-las. Nada mais difícil que a utilização criativa e rica de significação pessoal, de uma interpretação, abrindo tal espaço esperançoso. Conseguir considerar a proposta interpretativa como contendo vida e esperança requer, da parte do analisando, uma posição que vai ser atingida pouco a pouco, longe do conforto do pavor, da destrutividade, da idealização (e do seu companheiro, o ódio) e da inveja, o que Jessica Benjamin (1988) chama complementaridade.

A teoria dos sistemas dinâmicos não lineares fornece uma abordagem nova para a compreensão da vida psíquica e da psicanálise. Desde os trabalhos de Bertalanffy, Haken, Maturana e do prêmio Nobel Prigogine, a concepção científica sobre a vida mudou de maneira radical. A biologia considera cada vez mais a auto-organização de sistemas abertos como o processo fundamental da vida. Um sistema aberto é uma rede que precisa pegar energia do meio ambiente e devolver depois produtos das transformações ocorridas no seu metabolismo. Um sistema vivo está em constante interação com o seu meio ambiente. A auto-organização é o processo fundamental de estruturação do sistema pela própria realimentação dos elementos que a compõem. Assim, a membrana da célula é produzida pelos elementos que ela borda e que a produzem. Da mesma maneira, o ciclo do DNA na célula produz o RNA que, por sua vez, influi nas enzimas que, no final, vão ter papel na própria constituição desse mesmo DNA. Esse sistema aberto e auto-organizado possui, além disso, a propriedade de poder entrar em transformação e mudar. Quando se aproxima cada vez mais de uma situação de desequilíbrio, chega o momento em que todo o sistema muda e reorganiza-se de maneira global; é o chamado ponto de bifurcação. Esse momento de mudança não é previsível, ele é não linear, ou seja, não tem uma causa única e simples para passar por essa transformação. Ao mesmo tempo, essa noção de desequilíbrio é crucial para a definição de um sistema vivo, na medida em que o equilíbrio e a estabilidade perfeita apenas existem quando o organismo já morreu. Um organismo em equilíbrio é um organismo morto. A estabilidade do ser vivo está no

---

<sup>9</sup> *Genuine hopefulness.*

próprio desequilíbrio nutrido pelo meio ambiente, como o vórtice da água escorrendo de uma pia enquanto a torneira está ligada<sup>10</sup>.

Depois do trabalho visionário de Edgar Levenson (1972), o primeiro analista a trabalhar com essas noções de sistemas, foi Emmanuel Ghent (1992, 1995, 2002) que ampliou e desenvolveu essa abordagem, logo seguido por vários analistas que encontraram nesse âmbito fontes ricas e novas para poder repensar a psicanálise<sup>11</sup>. Essa nova “metapsicologia” ou “topologia” desloca o pensamento para um espaço compartilhado entre a dimensão intrapsíquica e intersubjetiva, de maneira a considerar vários tipos de regulações dos ‘selves’, mútuas e autorreguladas. Não existe mais um analista aplicando a terapia analítica sobre um(a) paciente. Também não se trata mais de um modelo de comunicação onde alguma coisa errada do passado vai ser levada para uma “revisão”. Estamos agora num espaço onde a sessão analítica acontece, entre paciente e analista, como circulação em redes e sub-redes, trocas inconscientes de regulações mútuas, pontos de bifurcações inesperados e reorganizações subjacentes.

Neste contexto, a própria noção de esperança muda de coordenadas. A esperança torna-se um elemento de circulação, entre outros, dentro desses processos e suas reorganizações. Tanto do lado do analista como do lado do(a) paciente, a esperança e a desesperança se alternam, circulam, crescem, diminuem, mudam de forma e de conteúdo. Pode tornar-se elemento importante no processo analítico, como produtor de desequilíbrio, favorecendo assim a aproximação, sempre imprevisível, de um ponto de bifurcação, momento de mudança. Nesse contexto, ela é motor de dinamização do sistema, ao contrário da desesperança, puxando para a estabilidade do imobilismo, apresentação da morte no processo. Isso remeteria à ideia de Winnicott, segundo a qual o analista deve sobreviver (1971) aos momentos de morte e destruição inerentes ao processo.

Ghent (1992) traz a problematização da noção de esperança através da diferenciação entre esperança falsa e esperança verdadeira, duplicando assim ao nível da esperança os conceitos winnicottiano de falso self e self verdadeiro. Podemos pensar

---

<sup>10</sup> Para mais detalhes sobre os sistemas dinâmicos não lineares, as estruturas dissipativas, a complexidade e a não linearidade, vejam Krutzen (2018).

<sup>11</sup> A única referência encontrada em línguas latinas sobre o assunto é o artigo de Jean-Michel Quinodoz (2004), disponível no site da SPP, *Transitions dans les structures psychiques et théorie des systèmes complexes*, tradução da publicação original em inglês, no *International Journal of Psychoanalysis*, 1997, 78, 699-718.

como a presença de uma problemática de falso self, inicialmente, aponta para a permanência do sistema com esperanças ao serviço desse mesmo falso self. É o caso, por exemplo, do advogado que “espera” poder tornar-se associado do seu escritório de advocacia, quando, na verdade, essa profissão, com esse lugar social, é tudo o que caracteriza a artificialidade da sua vida.

A esperança tem espaço na psicanálise como ilusão necessária construída no andamento do processo. Ela prefigura um dos elementos que alimentam o sistema motivacional e favorece assim a reorganização possível das redes abertas, a partir do desequilíbrio que ela ajuda a ampliar até alcançar o momento de báscula do sistema todo. O peso diferenciado da sua implicação nessas mudanças do sistema é não linear; entra em vários vetores e eixos possíveis do andamento do processo sem que seja possível avaliar exatamente o seu papel no meio do conjunto. Podemos, todavia, dizer que a sua ausência, na dimensão criativa, prejudica o processo e o leva para o lado do imobilismo. Assim, uma das primeiras tarefas possíveis, do lado do analista, seria a instauração/restauração dessa ilusão necessária para um futuro possível.

Terminamos com uma citação de Winnicott. Um paciente lhe disse uma vez: “A única vez que eu tive esperança foi quando você me disse que não enxergava nenhuma esperança e continuou a análise.” (Winnicott, 1965, p. 152)

17 fevereiro / 20 setembro 2018.

### **Referências Bibliográficas**

- BALINT, M. (1939), *Changing Therapeutical Aims and Techniques in Psycho-analysis*. In: BALINT, M., *Primary Love and Psycho-Analytic Technique*. London: Maresfield Library, 1985.
- BENJAMIN, J. (1988), *The Bonds of Love*. New York: Pantheon.
- BION, W. (1965), *Transformações*. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- BOLLAS, C. (1987), *The Shadow of the Object*. New York: Columbia University Press.
- BOLLAS, C. (1989), *Les forces de la destinée*. Paris: Calmann-Levy, 1996.
- ERIKSON, E. (1950), *Childhood and Society*. New York: Norton.
- FERENCZI, S. (1933), *Journal clinique: janvier-octobre 1932*. Paris : Payot, 1985.
- FREUD, S. (1920), *Jenseits des Lustprinzips*. In: *G.W. Band XIII, p. 1-70*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1987. Além do princípio do prazer. In: *O.C. Vol. 14*. São Paulo: Ed. Schwarcz, 2010.

KRUTZEN, Henry (2018) *A ilusão de um futuro*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**.

FREUD, S. (1927), Die Zukunft einer Illusion. In: *G.W. Band XIV*, p. 323-380. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1991. O futuro de uma ilusão. In: *O.C. Vol. 17*. São Paulo: Ed. Schwarcz, 2014.

FREUD, S. (1930), Das Unbehagen in der Kultur. In: *G.W. Band XIV*, p. 419-506. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1991. O mal-estar na civilização. In: *O.C. Vol. 18*. São Paulo: Ed. Schwarcz, 2010.

FREUD, S. (1937), Die endliche und die unendliche Analyse. In: *G.W. Band XVI*, p. 57-100. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1981. Análise terminável e interminável. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. XXIII*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GHENT, E. (1992), Paradox and Process. In: DEMOS, V., HARRIS, A. (orgs), *The Collected Papers of Emmanuel Ghent*. New York: Routledge, 2018.

GHENT, E. (1995), Interaction in the Psychoanalytic Situation. In: DEMOS, V., HARRIS, A. (orgs), *The Collected Papers of Emmanuel Ghent*. New York: Routledge, 2018.

GHENT, E. (2002), Wish, need, drive: Motive in the light of dynamic systems theory and Edelman's selectionist theory. In: DEMOS, V., HARRIS, A. (orgs), *The Collected Papers of Emmanuel Ghent*. New York: Routledge, 2018.

GREENBERG, J., MITCHELL, S. (1983), *Object Relations in Psychoanalytic Theory*. Cambridge: Harvard University Press.

KANDEL, E. (2012), *The Age of Insight*. New York: Random House.

KLEIN, M. (1957), Inveja e gratidão. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos: 1946 – 1963*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KRUTZEN, H. (2018), *Para uma nova definição do espaço clínico*. São paulo : Annablume.

LACAN, J. (1959-60), *L'éthique de la psychanalyse*. Documento interno da Association Freudienne Internationale, 1999.

LACAN, J. (1966a), *Écrits*. Paris: Seuil.

LACAN, J. (1966b), La science et la vérité. In: *Écrits*. Paris: Seuil.

LACAN, J. (1974), *Le triomphe de la religion*. Paris: Seuil, 2005.

LEVENSON, E. (1972), *The Fallacy of Understanding*. New York: Basic Books.

MILLOT, C. (2016), *La vie avec Lacan*. Paris: Gallimard.

MITCHELL, S. (1993), *Hope and Dread in Psychoanalysis*. New York: Basic books.

NIETZSCHE, F. (1872), *A origem da tragédia ou o carácter grego e o pessimismo*. Sintra: Publicações Europa-América Lda, 2005.

QUINODOZ, J.M. (2004), *Transitions dans les structures psychiques et théorie des systèmes complexes*. In: [www.sp.asso.fr/main/psychanalyseculture/sciencesdelacomplexite/items/1.htm](http://www.sp.asso.fr/main/psychanalyseculture/sciencesdelacomplexite/items/1.htm)

WINNICOTT, D. (1939a), Evacuação de crianças pequenas. In: WINNICOTT, D., *Privação e delinquência*. São Paulo: Martin Fontes, 2012.

KRUTZEN, Henry (2018) *A ilusão de um futuro*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**.

WINNICOTT, D. (1939b), Agressão e suas raízes. In: WINNICOTT, D., *Privação e delinquência*. São Paulo: Martin Fontes, 2012.

WINNICOTT, D. (1945), O regresso da criança evacuada. In: WINNICOTT, D., *Privação e delinquência*. São Paulo: Martin Fontes, 2012.

WINNICOTT, D. (1946), Alguns aspectos psicológicos da delinquência juvenil. In: WINNICOTT, D., *Privação e delinquência*. São Paulo: Martin Fontes, 2012.

WINNICOTT, D. (1960a), Agressão, culpa e reparação. In: WINNICOTT, D., *Privação e delinquência*. São Paulo: Martin Fontes, 2012.

WINNICOTT, D. (1960b), The theory of the Parent-Infant Relationship. In: *The Maturational Process and the Facilitating Environment*. London: Karnac, 1990.

WINNICOTT, D. (1965), Ego Distortion in terms of True and False Self. In: *The Maturational Process and the Facilitating Environment*. London: Karnac, 1990.

WINNICOTT, D. (1971), *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.